

**Do rigor ao traje: da idéia do conceito de apropriação da idéia do pronto-para-vestir, deslocada.**

Uma vez que tendo tido atendido ao convite para estar fazendo a curadoria da exposição comemorativa dos dois anos da galeria, depois de tendo tido sido resolvidas as questões do honorário, comecei a refletir sobre as condições do espaço físico da galeria em si, ou seja, da *site*-especificidade e a situação *lojística* do espaço estando localizado dentro de um centro comercial. Achei que isso pudesse vir estar dando *samba* e como não sendo sido nascido carioca e tampouco tendo nunca tido estado morando no Rio, achei isso também adequado como ferramenta de adaptação, em vez de estar querendo estar fazendo simplesmente um implante de um corpo estranho com a arrogância característica da minha classe profissional.

A situação do cubo branco rompido pela transparência do vidro da parede externa me levou a querer estar fazendo uma ocupação do espaço menos atulhada e mais *clean*, mais contemporânea, onde a disposição de poucas obras seria compensada pelo respiro, pelos vãos vazios entre elas, já que como exposição coletiva, ainda que buscando estar enfatizando os possíveis embates entre os diferentes posicionamentos dos artistas, também desejei poder estar garantindo uma autonomia a cada um dos posicionamentos. A prioridade foi poder estar criando um recorte das diversas práticas contemporâneas com suas subjetividades, suas poéticas, e, comum a todas as obras aqui expostas, as posturas subversivas que mapeiam e revelam os sub-textos que permanecem ocultados pelos veículos de comunicação de massa quando esses, processando a realidade, nada mais fazem do que manipulá-la em prol dos interesses de poucos, banalizando questões fundamentais como o aquecimento global, a globalização e o deslocamento.

A partir do estabelecimento do eixo Rio-São Paulo como coordenadas cartesianas por um lado e o sertão por outro, cria-se o plano de fundo apropriado para que se possa estar traçando as geometrias que dão o embasamento histórico-cultural ao recorte: o eixo duchampiano-boysiástico de leste-oeste, por sua vez formando um eixo norte-sul quando ligado ao *crux* oiticicense-clarkônico de onde sai a linha que conecta ao território warhólatra vulgar e decadente, formando um triângulo.

A histeria causada no ocidente pelo lançamento do Sputnik há 50 anos pela então União Soviética em plena guerra fria foi infinitamente maior do que aquela tendo tido sido causada pelos ataques terroristas do 11 de setembro: para se ir tendo uma idéia, depois das inúmeras humilhações sofridas pelos EEUU – a URSS lançou o primeiro satélite artificial, o primeiro foguete com um cão a bordo, seguido por outro com um macaco, e mais adiante, em 12 de abril de 1961, o Cel. da força aérea soviética tornado cosmonauta Yuri Gagarin tendo tido sido o primeiro humano a estar orbitando o planeta, tudo isso coincidindo com a crise dos mísseis estacionados em Cuba, quando a humanidade pela primeira vez na história esteve *de factum* à beira de sua própria aniquilação, o que acabou não acontecendo por um triz – o então presidente Kennedy\* jurou que os EEUU iam botar o homem na Lua antes do final da década. Era a supremacia e a própria sobrevivência do ocidente que estavam em jogo, e em julho de 1969, com o astronauta Neil Armstrong chegando à superfície lunar e ali plantando a *Stars and Stripes*, a promessa kennedyânica se cumpriu – e passados mais 20 anos a própria URSS haveria de deixar de estar existindo.

\* (durante o discurso no capitólio que se tornou notório, Kennedy disse: *call me a lunatic if you wish, at this very hour there is nothing in the world that could flatter me more* – risos).

Assim como a era da corrida espacial esteve vendo o aparecimento de vários novos estilos e práticas no campo das artes visuais, tais como as *performances*, os

*happenings* e as instalações, sendo essas *site-specific* ou não, que surgiram como reação às condições históricas vigentes daquele tempo, vemos no pós 11 de setembro um paralelo com o ressurgimento de práticas crítico-subversivas, dessa vez estando os atores zanzando a jato pelo mundo armados de laptops da Apple - demonstrativamente *thinking different* e subvertendo a tirania monopolizante e vulgar da Microsoft representada por PCzinhos ordinários e emburrecedores - e suas câmeras de vídeo realizando projetos interdisciplinares e *workshops*; e não se deve estar deixando de mencionar o papel da internet na vida contemporânea e o choque impactante que a *web-art* tem tido sido na produção artística e a questão dos direitos autorais. A crítica ao consumismo desenfreado e à tirania das *marcas*, ao uso desatinado e ganancioso dos recursos naturais do planeta e à perda dos valores espirituais são alguns dos elementos que saltam aos olhos já de primeira, mas outros mais sutis emergem quando da observação atenta e demorada das obras, como a questão da sustentabilidade, resultante de se seguir à risca aos preceitos e contingências das práticas contemporâneas.

Com "Economia de escala" (2005) o guatemalteco Avi Mandelbaum subverte de maneira sutil a própria estrutura da regra universal da relação estabelecida entre a galeria e o artista de a galeria ficar com 50% do valor da venda da obra e o artista ficar só com a metade: a dialética boysiástica tingida pela indumentária oitocentista é aplicada com refinado enfoque.

O artista performático e *globe-trotter* Ahmed Mahfuz, em "Dança dos 7te véus" explora as questões do ocultamento e o do despir, caminhando sobre a linha tênue que determina o limiar entre o que em certas culturas a nudez significa e as várias manifestações materiais de seu encobrimento, tendo tido sido as suas provocadoras e controvertidas performances banidas em diversos países, ainda que, segundo o artista, "o meu trabalho não tivesse estando ter podido estar causando o que pudesse que fosse aquilo do que eu estivesse tendo tido sido acusado".

Em "Perspectiva" do haitiano Jean-Jacques Dreyfus, o rigor formal da escultura instalatória se opõe à informalidade que os elementos que compõe a obra representam, criando uma tensão entre o referencial material *per se* e o estranhamento do registro preponderantemente ambíguo. O sarcasmo cáustico e bem humorado do artista deixa clara a sua afinidade com o irônico humor duchampiano.

A série de fotos PB "Visões urbanas" do hondurenho Jaime Kupfermann transmite e exprime a frieza e desumanização das grandes metrópoles, onde a anonimidade e o cinza dos arranha-céus se manifestam como *patterns* regulares que remetem à perda da identidade individual resultante da massificação imposta pelos meios de produção capitalistas.

Em "Gravuras, papel artesanal", o nicaragüense Marc Rosenthal reivindica o uso de práticas tradicionais que enfatizam a autonomia do artista como produtor-artesão: Rosenthal aprendeu a fazer papel durante um *workshop* no Japão e em suas gravuras o lirismo de suas imagens se torna mais evidente quando nos damos conta que cada folha de papel é também já em si uma obra de arte; não se deve deixar de mencionar que Rosenthal também faz as suas próprias molduras, utilizando sempre madeiras extraídas de projetos pilotos em florestas onde a sustentabilidade é praticada com S maiúsculo.

Em contrapartida, os fenômenos da setorização e terceirização, temas atuais que apontam para o processo de alienação entre o ser produtor e o os meios de produção são os temas da obra "Onça pintada, fotografada" do panamenho Jeremy Silberstein, realizada no Brasil durante sua residência de 3 meses. A compartimentalização e

rotulação de convenções sedimentadas são subvertidas aqui por um enquadramento que, segundo o filósofo alemão Theodor W. Adorno, em seu ensaio *A Lente e a Mente*, *"enfoca e desloca, modifica o registro enquanto, no momento que em si remete, através da exclusão, à descategorização perante (ante) a herança adquirida através das estruturas estabelecidas pelos poderes perpetuadores dessas mesmas estruturas, ainda que de forma velada e propositalmente obscurecida"*. Na obra de Silberstein fica evidente a relação complementar do eixo RJ-SP com o sertão, agora formando um todo.

A parceria da dupla costa-riquenha David ben Yehuda e Jonathan Lewin remonta de 4tro décadas, e durante suas inúmeras perambulações pelos desertos do oriente médio, norte da África e sub-continente asiático, em interação com as populações locais, muitas delas nômades, têm produzido esculturas cuja precariedade e efemeridade contêm implicações que abordam temas que vão desde o processo de desertificação causada pelo homem até a questão do deslocamento.

Alberto Simon